

## **ENFIM**

ANA CRISTINA MACÁRIO LOPES  
(CELGA/Faculdade de Letras de Coimbra)

*ABSTRACT:* This paper investigates the meanings and discourse functions of the adverbial expression “enfim” in European contemporary Portuguese. It is a synchronic study, within a cognitive-functional framework, and the empirical data were collected from a written newspaper on-line corpus, CETEMPúblico and Natura/Público. This paper is organised in the following way: firstly, different examples are listed and the syntactic, semantic and pragmatic properties of the item *enfim*, in each of the contexts, are described. Throughout this description, the possibility of substituting *enfim* with other adverbial Portuguese expressions such as: *finalmente* (finally), *por fim* (in the end/ at last) and *por último*, (in the end/lastly) is tested, in order to see whether they are functionally equivalent expressions in contemporary European Portuguese. Secondly, an integrated explanation of the discursive polyfunctionality of *enfim* is sought, by relating the different meanings described as “family resemblances.”

*KEYWORDS:* adverb; polyfunctionality; prototype meaning; semantic extensions.

### **1. Introdução**

Inserido numa linha de pesquisa que tenho vindo a desenvolver sobre expressões de natureza adverbial marcadas por forte polifuncionalidade discursiva no PE contemporâneo, este trabalho visa caracterizar os diferentes valores que o item *enfim* assume no discurso e propor uma descrição integrada dos mesmos.<sup>1</sup>

Há basicamente duas abordagens para o tratamento deste tipo de variação de uso, em sincronia, dos itens lexicais: ou se parte da assunção de que

---

<sup>1</sup> Tanto quanto é do meu conhecimento, o único estudo disponível em que se contempla o funcionamento discursivo de *enfim* (e *finalmente*) no PE contemporâneo é o de Machado 2002. Trata-se de um estudo contrastivo português/francês, que parte das dificuldades surgidas em contexto de ensino/aprendizagem do Português como língua estrangeira, relacionadas com a inexistência de uma correspondência biunívoca dos valores semântico-pragmáticos de *enfim/finalmente* e *enfin/finalement*. O trabalho tem objectivos diferentes do nosso e, por outro lado, não ilustra ocorrências de *enfim* que o recurso a um *corpus* nos permitiu atestar.

se trata de um caso de homonímia, considerando-se duas ou mais entradas lexicais com significados distintos (assunção com nulo poder explicativo), ou se opta por um enfoque de tipo polissémico, admitindo um significado-base do qual, por extensão, se derivam outros, motivados pragmática ou cognitivamente.

A abordagem seleccionada neste trabalho é a segunda, inscrita num quadro teórico cognitivo-funcional. O ponto de partida é o seguinte: uma categoria linguística não é discreta, exibe uma estrutura interna prototípica, o que implica, extensionalmente, a existência de membros com distintos graus de representatividade, e, intensionalmente, o agrupamento de significados sob a forma de “parecenças de família”, no sentido wittgenteiniano da expressão, com consequentes zonas de sobreposição. Nesta perspectiva, a teoria semântica põe em relevo a natureza polissémica dos itens lexicais: a polifuncionalidade não se resume a uma mera variação/modulação contextual, mas é um facto linguístico, que deve estar representado no léxico.

O estudo é exclusivamente sincrónico e envolve o recurso a um *corpus* da imprensa escrita, disponível on line: o CETEMPúblico e o Natura/Público. O recurso a este *corpus* informatizado foi ditado pela intenção de atestar usos correntes da variedade padrão do PE.

O trabalho tem a seguinte estrutura: num primeiro momento, elencam-se diferentes contextos de uso e descrevem-se as propriedades sintácticas e semântico-pragmáticas do item em apreço em cada um dos contextos, tendo em vista a caracterização dos seus diferentes valores e/ou funções discursivas. Ao longo desta descrição, testa-se a possibilidade de substituição de *enfim* por outras expressões de natureza adverbial (*finalmente*, *por fim* e *por último*), duas delas com idêntica base lexemática, para apurar se se trata de expressões funcionalmente equivalentes no PE contemporâneo. Num segundo momento, procura-se uma explicação integrada da polissemia / polifuncionalidade discursiva de *enfim*, relacionando os diferentes valores discriminados, sob forma de “parecenças de família.”

## 2. Contextos de ocorrência e valores de uso de *enfim*

### 2.1 Fecho de sequência temporalmente ordenada de situações

Veja-se o seguinte exemplo:

- (1) “(...) cada um dos negociadores rebeldes disse depois, na respectiva língua indígena (...) ser “tanto um cidadão de Chiapas como do México”, cabendo, enfim, a Marcos afirmar, em nome do Comando-Geral do Comité Clandestino Revolucionário Indígena, que nenhum rebelde está arrependido de ter pegado em armas no primeiro dia do ano.”

Neste exemplo, *enfim* é comutável por *finalmente*, *por fim*, e também por *último*. O texto envolve a representação de uma sequência temporalmente ordenada de eventos, sendo aquele que *enfim* prefacia o último desse conjunto.

*Enfim* provém, etimologicamente, da locução latina *in fine*, um SP entretanto reanalisado como advérbio. Sintacticamente, *enfim* resiste a todos os testes que permitem identificar adjuntos a SV. Com efeito, não pode ser focalizado através de construções de clivagem (1a), não ocorre no escopo da negação de foco (“focusing negation”) (1b), não é focalizável por advérbios restritivos (1c) e não pode ser contrastado com outras expressões adverbiais em interrogativas alternativas, o que mostra que está fora do escopo da interrogação (1d)<sup>2</sup>:

- (1a) \*Foi *enfim* que coube a Marcos a intervenção política de fundo.
- (1b) \*Não coube *enfim* a Marcos a intervenção política de fundo, mas em primeiro lugar.
- (1c) \*/?? Só *enfim* coube a Marcos a intervenção política de fundo.
- (1d) \*Coube a Marcos a intervenção política de fundo *enfim* ou em primeiro lugar?

Com *finalmente*, *por fim* e *por último*, verifica-se idêntica resistência aos testes assinalados.<sup>3</sup>

Não se trata, portanto, de um adjunto a SV. Poder-se-ia, então, pensar em integrar *enfim* na classe dos advérbios frásicos. No entanto, *enfim* tem uma função conectiva que não se encontra nos advérbios frásicos. Por outro lado, *enfim* tem um comportamento similar ao dos “conjuncts” descritos em Quirk *et al.* (1985). De facto, pode ocorrer em frases interrogativas (1e) e imperativas (1f), para além de não aceitar modificadores (1g):

- (1e) Quantos alunos compareceram? Quantos entregaram o teste?  
Enfim, quantos tiveram positiva?
- (1f) (...) Enfim, pára de chorar!
- (1g) \*Muito *enfim*, não estou a entender a questão.

Tendo em conta que *enfim*, no exemplo transcrito em (1), desempenha uma função discursiva de conexão entre segmentos textuais que representam

<sup>2</sup> Adaptámos o exemplo de modo a manipulá-lo mais facilmente.

<sup>3</sup> Adaptando o exemplo, vejam-se os seguintes enunciados:

\* Foi finalmente/por fim/por último que coube a Marcos a intervenção política de fundo.

??Só finalmente/por fim/por último coube a Marcos a intervenção política de fundo.

\* Não coube finalmente/por fim/por último a Marcos a intervenção política de fundo, coube-lhe em primeiro lugar.

\* Coube a Marcos a intervenção política de fundo finalmente/por fim/por último ou em primeiro lugar?

uma série temporalmente ordenada de situações, diremos que se trata de um conector (ou marcador) discursivo de natureza adverbial,<sup>4</sup> tal como *finalmente*, *por fim* e *por último*.

Ao marcar o fecho de uma ordenação sequencial de situações, *enfim* funciona como operador de localização temporal, estabelecendo uma relação temporal entre a situação que prefacia e as situações previamente descritas.<sup>5</sup> Neste sentido, o seu significado é relevante no plano verocondicional: a sequência das predicções expressas é verdadeira se cada uma das predicções for verdadeira e se se tiver verificado entre as situações descritas a ordenação temporal marcada pelo conector. Nesta ordenação temporal, o tempo relevante é, pois, o tempo dos eventos do mundo sociofísico representado.

Ao sinalizar que a situação descrita no segmento discursivo que tipicamente introduz ou prefacia é a última de uma série temporalmente ordenada, *enfim* contribui também para a organização icónica do discurso, que reproduz de forma isomórfica a ordenação temporal relativa das situações nele representadas.<sup>6</sup>

No *corpus*, apenas encontramos 2 exemplos que ilustram este uso de *enfim*, num total de 72 ocorrências. Finalmente parece-nos bem mais produtivo na marcação deste valor em PE contemporâneo (20 ocorrências num total de 65).<sup>7</sup> Como sinalizador de fecho de uma sequência temporalmente ordenada, *finalmente* ocorre tipicamente precedido pela conjunção aditiva e manifesta mobilidade no interior da frase. Por fim aparece com este mesmo valor em 7 ocorrências, num total de 11. Encontrámos uma única ocorrência de *por último* com o mesmo valor, num total de 9.<sup>8</sup> Estes dois últimos conectores podem ambos ser precedidos pela conjunção *e*.

## 2.2 Fecho de listagem

Vejamos agora o exemplo (2):

- (2) “E o sucesso desta novela (...) prende-se com pontos tão inequívocos como a boa direcção de actores, a utilização de uma história

<sup>4</sup> São várias as designações disponíveis na literatura: “advérbio conjuntivo” em Demonte & Bosque (1999), “conjunct” em Quirk *et al.* (1985), “conectores parentéticos” em Cuenca (2001), “marcadores discursivos” em Portolés (1988) e Fraser (1999).

<sup>5</sup> Integro no domínio da localização temporal não apenas a associação directa de situações com intervalos do eixo do tempo, mas também as relações temporais entre situações.

<sup>6</sup> Esta organização icónica do discurso reflecte a observância da Máxima de Modo, tal como Grice a define: tendemos a respeitar, ao nível da representação discursiva, a ordem temporal pela qual as situações ocorreram de facto no mundo.

<sup>7</sup> Veja-se um exemplo ilustrativo: “Até 24 de Outubro, a Nova Filarmonia (...) estará na Covilhã, Leiria, Paio Pires, Lisboa, Coimbra, Valença, volta a Vila Real e, *finalmente*, toca em Matosinhos”.

<sup>8</sup> Os exemplos analisados em que ocorrem *finalmente* e *por fim* foram extraídos do *corpus* CETEMPúblico. Os exemplos em que ocorre *por último* foram extraídos do *corpus* Natura/Público.

portuguesa, o aproveitamento do passado recente para uma série de ficção, *enfim*, a introdução de um ritmo de trabalho espartano (...).”

Em (2), *enfim* apenas assinala o fecho de uma listagem, de uma mera série ou sequência enumerativa. Ou seja, deixa de ser pertinente a ordenação temporal relativa de situações e adquire saliência apenas a ordenação discursiva/textual, com a instrução de fecho sinalizada por *enfim*. Trata-se claramente de um uso metadiscursivo: *enfim* funciona nestes contextos como mero conector de estruturação textual, sendo a sua posição típica a de introdutor do último segmento discursivo da listagem.

Com este valor, *enfim* articula tipicamente unidades subproposicionais, como se ilustra em (2), mas pode também articular proposições, como se ilustra em (3):

- (3) “Acontece que o narrador “em primeira pessoa” pode sempre ser uma de três coisas: ou a personagem que participou nos eventos que narra, ou a personagem que testemunhou os acontecimentos que narra, ou, enfim, a personagem que teve o privilégio de ouvir uma narração de acontecimentos em que não participou nem testemunhou”.

No *corpus*, são escassas as ocorrências de *enfim* com este valor de cancelamento de listagem (3 num total de 72).

Neste tipo de contextos, *enfim* comuta livremente com (*e*) *por último*, (*e*) *por fim* e (*e*) *finalmente*. Aliás, encontramos ocorrências destes conectores, no *corpus*, exactamente com o valor que estamos a analisar: 8 ocorrências de (*e*) *por último*, num total de 9; 3 ocorrências de (*e*) *por fim* num total de 11 e 6 ocorrências de *e finalmente*, num total de 65. Como marcador de fecho de listagem, *finalmente* co-ocorre tipicamente com a conjunção *e*. Os nossos dados sugerem que *por último* é o conector que preferencialmente se usa em PE para marcar o elemento final de uma série cuja ordenação é meramente discursiva/textual.

Atente-se, agora, no exemplo (4):

- (4) “Explicaram-lhe que a luta continua em Timor-Leste, (...) que há atropelos aos direitos humanos, mulheres e crianças violadas, que Lisboa devia fazer alguma coisa, talvez mandar uma fragata de guerra (...), que Portugal continua a ser a potência administrante de Timor, enfim, que os deputados portugueses deviam lá ir.”

Em (4), para além da instrução de cancelamento de listagem, *enfim* parece activar também uma leitura de súmula/síntese conclusiva: de facto, *em suma* pode comutar com *enfim* neste contexto. O segmento prefaciado por *enfim* pode ser interpretado quer como fecho, quer como conclusão que

evidencia a relevância da listagem anterior. Contextos deste tipo, em que é possível uma leitura que envolve sobreposição de valores, são certamente contextos de transição que estão na origem de extensão semântica, dando-nos pistas sobre a direccionalidade da mudança.

### 2.3 Marcador de síntese conclusiva

Vejam-se agora os exemplos (5) a (8):

- (5) “Falaram de vento, chuva, frio, *enfim*, só coisas desagradáveis.”
- (6) “Imagine-se a mesa do pequeno-almoço, acabada a refeição, cheia de migalhas de pão, pingos de sumo de laranja, o pacote dos cereais, *enfim*, a trapalhada do costume.”
- (7) “Ficamos sem privacidade, sem ar puro, oferecendo-nos em contrapartida os gases poluentes dos escapes, poluição sonora dos roncões dos motores, *enfim*, toda a incomodidade possível dos tempos modernos em que passámos a vegetar.”
- (8) “E desde a utilização do láudano, derivado do ópio, por Paracelso, no século XV, para fins medicinais (“no combate a dores menstruais, constipações, eventualmente cancros, *enfim*, tudo”), até à primeira guerra do ópio...”

Em contextos deste tipo, *enfim* não ocorre em variação livre com *finalmente*, *por fim* ou *por último*, como se atesta em (5 a), e a sua posição é fixa:

- (5a) \*Não se importou e agarrou a oportunidade com as mãos, os pés, os dentes, *finalmente/por fim/por último*, com a sua avassaladora genica.”

Também nestes contextos *enfim* resiste a todos os testes que identificam um adverbial adjunto a SV, evidenciando um comportamento que o diferencia igualmente de um adverbial frásico. Uma vez mais, é no plano da conexão discursiva que *enfim* opera, com um valor que a seguir nos propomos caracterizar.

As expressões conectivas que de forma mais aproximada reproduzem este valor de *enfim*, em PE, parecem ser *resumindo e concluindo e em suma*.<sup>9</sup> Embora *enfim* encerre de facto uma série/listagem (mais frequentemente, no *corpus*, de termos subproposicionais, embora também se encontre um exemplo em que os termos da série são proposições<sup>10</sup>), o seu valor relevante é o de sinalização de sùmula/síntese conclusiva, geralmente de carácter (re)interpretativo. Com efeito, o segmento final, prefaciado por *enfim*, reformula, de forma resumida e globalizadora, o que foi dito anteriormente. Por outras palavras, *enfim* prefacia tipicamente um segmento subproposicional de natu-

<sup>9</sup> Com este valor, *enfim* seria traduzido por *bref*, em francês, e por *summing up*, em inglês.

<sup>10</sup> O exemplo é o seguinte: “Passou a falar a mesma linguagem e a ter os mesmos hábitos, *enfim*, adaptou-se (...)”

reza nominal que retoma de forma condensada, através de uma reformulação retrointerpretativa, informação contida em segmentos subproposicionais prévios.<sup>11</sup>

Para a emergência deste valor, é decisiva a relação semântica entre o segmento final e os segmentos prévios. Vejamos então mais detalhadamente cada exemplo.

Em (5), a expressão nominal “coisas desagradáveis” envolve a ocorrência de um termo superordenado, um termo genérico no grau máximo, *coisas*, modificado pelo adjectivo avaliativo *desagradáveis*. O falante remata o seu discurso reformulando e reinterpretando subjectivamente os termos da sequência *vento, chuva, frio*. Assim, o segmento final recategoriza e subsume todos estes termos, num plano mais abstracto, encapsulando-os sob um rótulo genérico que envolve avaliação.

Em (6), a ocorrência do nome avaliativo *trapalhada*, no segmento introduzido por *enfim*, envolve igualmente uma conclusão de carácter (re)interpretativo. A conclusão/o remate inscreve no discurso a perspectiva do falante, que reinterpreta a informação precedente.

Em (7), encontramos algo de similar: o segmento prefaciado por *enfim* reformula de forma condensada o que foi dito previamente, funcionando, graças à ocorrência do nome *incomodidade*, como uma conclusão de natureza avaliativa. Note-se que a quantificação presente no segmento final (*toda a incomodidade ...*), para além de retomar e subsumir de forma inclusiva os gases poluentes dos escapes e a poluição sonora dos roncamentos dos motores, mencionados no discurso prévio, permite ainda a inferência, por parte do ouvinte/leitor, de informação não verbalizada mas susceptível de especificar a denotação genérica do SN construído em torno do núcleo *incomodidade*. Trata-se de uma estratégia discursiva que evita a enumeração exaustiva, apelando a um conhecimento compartilhado para uma (possível) expansão do dito.

Em (8), encontramos a mesma estratégia discursiva: o quantificador indefinido *tudo*, com o seu valor universal, subsume as doenças enumeradas e abre concomitantemente a possibilidade de inferir informação não explicitada.

Assim, em todos os exemplos o conector discursivo é responsável pela sinalização de que o que se segue é a (re)formulação final, em jeito de síntese conclusiva, do discurso prévio.

Saliente-se, entretanto, a afinidade entre este uso e o que descrevemos anteriormente: *enfim* fecha uma série/sequência de segmentos discursivos, mas, graças à relação semântica entre os segmentos que articula, acaba por absorber ou incorporar o valor dessa mesma relação.

No *corpus*, encontramos 29 ocorrências de *enfim* com este valor inequívoco, num total de 72.

<sup>11</sup> Ao contrário dos conectores reformuladores *ou seja, por outras palavras* e *isto é, enfim* comporta um traço conclusivo que acarreta uma instrução metadiscursiva de fecho, também presente nos conectores *em suma* e *resumindo e concluindo*.

## 2.4 Expectativa e avaliação

Até aqui, analisámos exemplos que envolvem uma série ou listagem de termos. Veja-se agora um contexto absolutamente distinto de ocorrência de *enfim*, que o exemplo (9) ilustra:

- (9) “LX-90, um dos grupos pop mais badalados que surgiu no ano passado (...), estreou-se *enfim* em concerto ao vivo.”

Substituível por *finalmente*, mas não por *por fim* ou *por último*, como se atesta em (9 a), *enfim* ocorre tipicamente em posição pós-verbal, adjacente ao verbo à direita:

- (9 a) “LX-90, um dos grupos pop mais badalados que surgiu no ano passado (...), estreou-se *finalmente/#por fim/#por último* em concerto ao vivo.”

Neste contexto, *enfim* tem um comportamento sintáctico próximo do dos advérbios de frase, já que não aceita focalização em frases clivadas (9b), não ocorre sob o escopo da negação (9c), não pode ser contrastado com outras expressões adverbiais em interrogativas alternativas (9d) e nunca pode ser modificado pelos operadores de foco *só*, *apenas* (9e):

- (9 b) \*Foi *enfim* que LX-90 se estreou em concerto ao vivo.  
 (9 c) \* LX-90 não se estreou *enfim*, mas infelizmente.  
 (9 d) \*LX-90 estreou-se *enfim* ou infelizmente?”  
 (9 e) \*”LX-90 só *enfim* se estreou em concerto ao vivo.”

Semanticamente, *enfim* parece comutar com advérbios de modalização avaliativa, como, por exemplo, *felizmente*. No entanto, estes últimos apenas comentam um conteúdo proposicional, funcionando como operadores que têm no seu escopo uma proposição e traduzindo a atitude positiva ou negativa do falante relativamente à situação descrita.<sup>12</sup> Ora se é verdade que *enfim* inscreve no enunciado um comentário do falante – nomeadamente, uma apreciação positiva face à ocorrência da situação descrita – não é menos verdade que há uma outra dimensão do funcionamento semântico-pragmático deste *enfim* que não está de todo presente num adverbial como *felizmente*. Vejamos então mais de perto em que consiste essa especificidade.

No exemplo (9), *enfim* sinaliza que houve a transposição de uma fronteira, ou seja, que houve uma transição entre uma situação  $e_i$  e uma situação  $e_j$  de polaridade oposta, e concomitantemente marca essa transição como

<sup>12</sup> Fraser (2006) chama a estes advérbios marcadores pragmáticos de comentário, mais especificamente “assessment markers”, por oposição a “manner-of-speaking markers”.

tardia relativamente às expectativas do falante.<sup>13</sup> Seria inaceitável uma continuação discursiva como a que se apresenta em (9 a):

(9 a) # Aliás, não se esperava que se estresse mais cedo.

Note-se a proximidade semântica com *já*, operador que também marca uma fronteira à esquerda, sinalizando a terminação de uma situação anterior com polaridade oposta à que está a ser descrita na frase (cf. Lopes, 2003). No entanto, *enfim* lexicaliza uma avaliação por parte do falante que não está presente em *já*. Assim, ao seleccionar *enfim* em detrimento de *já*, o falante avalia a ocorrência da situação como tardia, face a um determinado universo de expectativas. Adicionalmente, *enfim* inscreve ainda no enunciado uma apreciação positiva. Esta última dimensão explica a incompatibilidade de *enfim* com verbos ilocutórios de avaliação negativa:

(10) ??Lamento que o Rui tenha enfim partido.<sup>14</sup>

Verifica-se, então, uma dupla inscrição do falante no discurso: (i) *enfim* implícita convencionalmente que o falante avalia como tardia a ocorrência da situação descrita, em função das suas expectativas, e (ii) adicionalmente inscreve no discurso uma avaliação positiva desse mesmo falante relativamente à ocorrência dessa situação, que coincide afinal com o fim de um tempo (subjectivo) de espera.<sup>15</sup>

Contrariamente ao que afirmam González Fernandez & Maldonado Soto (2004), relativamente a marcadores similares do espanhol, o uso de *enfim* com este valor não se restringe, em PE, a contextos em que se representa a consecução de um evento orientado para um fim, através de verbos fortemente agentivos. No nosso *corpus*, *enfim* activador do universo de expectativas do falante co-ocorre com todas as classes aspectuais de predicções, sendo apenas incompatível com estados não faseáveis.<sup>16</sup>

Encontrámos 13 ocorrências inequívocas de *enfim* com este valor e 36 ocorrências de *finalmente*. Com este valor, *finalmente* nunca co-ocorre com a conjunção aditiva e a sua posição preferencial é também de adjacência ao verbo.

Assinale-se a possibilidade de haver contextos de sobreposição entre o valor descrito em 2.1. e este último. No exemplo (1), não é de excluir em absoluto a activação de uma dupla leitura: a intervenção de Marcos foi a

<sup>13</sup> Assinale-se que estas expectativas podem ser também as do interlocutor ou até as da comunidade no seu todo.

<sup>14</sup> Cf. Hansen (2005: 54), para uma análise de idêntico comportamento de *enfin*.

<sup>15</sup> De salientar que esta interpretação é muitas vezes sustentada/reforçada por informação contida no próprio contexto discursivo. Veja-se o exemplo seguinte: (i) “O filme, que deveria ter passado na televisão francesa no passado dia 17 de Janeiro, foi adiado e passou *enfim* anteontem.”

<sup>16</sup> Veja-se a agramaticalidade de \*O Rui é *enfim* alto.

última e demorou a acontecer. Naturalmente, esta última leitura pressupõe a activação de assunções contextuais, de expectativas, partilhadas por locutor e interlocutor.

### 2.5 Marcador discursivo de (fim de) hesitação

Vejam-se os exemplos (11) e (12):

- (11) “O actor que faz de Jim deixa um pouco a desejar e J. Malkovitch...  
*enfim*: digamos que há os que o idolatram e os que o abominam.”
- (12) “A Chuva de Estrelas, *enfim*...com algumas reservas, sempre deu para descobrir vozes excepcionais, talentos desconhecidos.”

No *corpus* escrito do *NaturaPúblico*, apenas encontrei estes dois exemplos de um uso que na oralidade me parece bastante frequente. Refiro-me ao recurso a *enfim* em contextos de hesitação, de interrupção do discurso pelo falante. *Enfim* apenas sinaliza que o que se segue é a formulação finalmente escolhida, depois de um momento de hesitação/ interrupção, formulação essa que corresponde à reformulação de uma predicação pensada mas não verbalizada. Implícita-se que a formulação escolhida é mais delicada ou mais mitigada relativamente à predicação não verbalizada.

Concordo, pois, com a afirmação de Hansen (2000: 62) segundo a qual usos deste tipo “suggest that the speaker was actually going to say something slightly different than what s/he ends up producing, and that the utterance finally produced represents a more polite and/or toned-down version of what might have been said (...)”.

Com esta função, não é de todo possível qualquer comutação com *finalmente*, *por fim* ou *por último*.

### 2.6. Mas *enfim*

Atente-se agora no exemplo seguinte:

- (13) “É verdade que custa mais de uma centena de contos mas, *enfim*, a sua mulher merece tudo o que lhe possa facilitar as lides domésticas.”

Apenas uma breve nota sobre a justaposição de *mas* e *enfim*. Como é sabido, o conector adversativo tipicamente articula dois enunciados com orientações argumentativas opostas, marcando como mais forte o argumento que prefacia. Retomando a proposta de Anscombe e Ducrot (1977), diremos que (13) ilustra um caso de percurso argumentativo indirecto: o primeiro EN funciona como argumento a favor de uma conclusão *r* (implícita, mas contextualmente recuperável: no caso em apreço, “Não compre!”), o segundo sustenta uma conclusão  $\sim r$  (“Compre!”). Ao seleccionar o conector *mas*, o falante faculta uma instrução interpretativa: a conclusão  $\sim r$  é aquela que ele considera relevante defender, no contexto particular da interacção. A ocorrência de *enfim* não altera o esquema instrucional veiculado pelo conector

adversativo, apenas reforça, pelo seu valor basicamente conclusivo ou de fecho, a força do último argumento aduzido.

Encontrámos 3 ocorrências de *mas enfim* no *corpus*, num total de 72. Um dos exemplos, apesar de pouco contextualizado, parece-me ilustrar uma possível extensão deste último valor, muito frequente na oralidade:

(14) Não é isso, *mas enfim*...

A pausa que as reticências traduzem e a curva entonacional que acompanha a elocução de *mas enfim* são o suporte da expressão de uma atitude de resignação/desistência por parte do falante, que abdica de contrapor ou de contrargumentar. Daí a suspensão discursiva, que implica uma avaliação subjectiva da situação interlocutiva e a conclusão de que é inútil prosseguir.

### 2.7 Até que enfim!

Veja-se, por fim, o exemplo (15):

(15) Até que enfim: o Governo fez uma reunião para pensar!

A expressão interjectiva *até que enfim* funciona como suporte linguístico de um acto ilocutório expressivo, no qual se vaza a satisfação ou o alívio do falante perante a ocorrência de uma situação que tardou.

No *corpus*, há 4 ocorrências deste tipo, num total de 72.

## 3. Para uma abordagem integrada dos diferentes valores de *enfim*

Da análise dos dados, julgo poder concluir que *enfim* tem, em sincronia, uma rede de significados interligados por parencas de família, com zonas de sobreposição numa cadeia de afinidades conceptuais. Trata-se de uma rede flexível de relações, que parece apontar para sucessivas derivações a partir de um significado básico, como a seguir se proporá.

A descrição a que procedi permite-me distinguir claramente dois tipos de contexto de ocorrência de *enfim*: (i) numa sequência ou listagem de termos, de natureza proposicional ou subproposicional (esquemáticamente: S1, S2, S3, *enfim* S4) ou (ii) no quadro de uma só predicação.

Vejamos então o primeiro contexto. A sequência pode envolver situações temporalmente ordenadas entre si, e neste caso *enfim* actualiza tipicamente o seu sentido etimológico, que assumiremos como significado básico.<sup>17</sup> Com este valor, *enfim* faz parte do paradigma que engloba outros ordenadores: *em primeiro lugar, em segundo lugar, a seguir, depois*.

<sup>17</sup> Note-se que um significado pode ser básico sem ser prototípico: o domínio temporal, porque ligado à actividade sensório-motora do homem, é comprovadamente domínio-fonte de “mappings” metafóricos que nos permitem conceptualizar domínios-alvo mais abstractos (Lakoff & Johnson, 1980).

Mas tal sequência ou listagem pode também envolver termos (de natureza proposicional ou subproposicional) que não mantêm entre si qualquer nexos temporal, o que implica que *enfim* apenas assinala como relevante a ordenação ou planificação discursiva. Note-se que também neste plano se mantêm como estruturadores textuais/discursivos os conectores acima assinalados. Parece-me que este valor de fecho de listagem deriva, por extensão, do valor temporal básico. Assim:

1ª extensão: ordenação temporal (fim de sequência de situações) > ordenação textual (fim de listagem)

Esta derivação ilustra a tendência semântico-pragmática II assinalada por Traugott & König (1991), no quadro de uma reflexão sobre a mudança semântica unidireccional: a extensão de um significado do domínio proposicional (localização temporal relativa de situações) para o domínio de planificação/estruturação textual. Com este valor de estruturador discursivo de fecho, *enfim* assinala já a presença do falante, enquanto parte activa da organização textual/discursiva. Teríamos então uma primeira etapa de subjectivização do significado, entendida como inscrição do falante no texto/discurso.

Por outro lado, ainda em contextos de listagem, ou seja, contextos que envolvem uma sequência de termos, vimos que *enfim* pode assumir um valor de síntese conclusiva. Importa sublinhar que o valor de fecho de listagem não deixa de estar presente nos contextos em que *enfim* pode ser parafraseado por *resumindo e concluindo* ou *em suma*; no entanto, graças à relação semântica entre o segmento final prefaciado por *enfim* e os segmentos anteriores, ao valor de fecho sobrepõe-se o valor de síntese conclusiva. Podemos, então, circunscrever uma segunda extensão semântica, que envolve a codificação de uma relação discursiva, em contextos em que o último segmento de uma série reformula, generalizando informação prévia:

2ª extensão: Fim de listagem > síntese conclusiva

Acentua-se a subjectivização do significado de *enfim*: a síntese que *enfim* sinaliza (metadiscursivamente) envolve uma retrointerpretação globalizante de segmentos discursivos prévios, convocando necessariamente a voz ou a perspectiva do locutor.

Vejamos agora o segundo contexto assinalado. É plausível que o valor de fecho de sequência temporalmente ordenada de situações tenha desencadeado, em contextos que explicitam lexicalmente a ocorrência tardia de uma situação, uma implicatura conversacional recorrente de comentário avaliativo-

vo – avaliação da ocorrência como tardia relativamente a uma expectativa –, implicatura essa que entretanto se terá convencionalizado dando origem ao valor que *enfim* actualiza hoje em dia em enunciados que não envolvem listagem/sequência enumerativa. Esta nova derivação ilustra um grau ainda mais elevado de subjectivização do significado, já que, enquanto marcador de comentário avaliativo, *enfim* inscreve as expectativas do falante no domínio de interpretação do discurso. Este valor parece ilustrar a tendência semântico-pragmática III de Traugott & König (1991): o significado tende a incorporar a atitude e/ou crença do falante relativamente ao que diz.

3ª extensão: fecho de sequência temporalmente ordenada de situações > convencionalização de implicatura avaliativa

A expressão interjectiva “Até que enfim!” cristaliza este valor, funcionando como suporte linguístico de um acto ilocutório expressivo no qual se vaza o contentamento (ou alívio) do falante perante a ocorrência de uma situação que tardou.

Quanto ao valor de fim de hesitação, descrito em 2.5., mantém algumas afinidades com o valor de síntese conclusiva: como atrás se assinalou, o uso de *enfim* parafraseável por *resumindo e concluindo* corresponde sempre a uma reformulação condensada do dito. Ora no uso de *enfim* marcador de fim de hesitação o falante implica que o segmento discursivo finalmente escolhido, após interrupção, configura a reformulação (atenuada) de uma predicação não verbalizada (reformulação do pensado, embora não dito). Neste sentido, a construção em causa implica um valor de concessividade: o falante concede em reformular, mitigando, uma predicação não verbalizada. Assim:

4ª extensão: síntese conclusiva (reformulação condensada do dito) > fim de hesitação (reformulação atenuada de predicação não verbalizada)

O último valor descrito não envolve apenas o item *enfim*, mas a sua co-ocorrência com *mas*. Como acima se assinalou, *enfim* não só é compatível com o valor instrucional do conector adversativo como ainda o reforça, na medida em que prefacia o enunciado argumentativamente mais forte, apresentando-o estrategicamente como último. Assinale-se a intersecção da ocorrência de *enfim* em dois contextos de expressão de concessividade.

Veja-se a figura 1, que representa a rede de derivações/extensões de *enfim*, a partir de um significado temporal básico, com agrupamentos de significados em “parecenças de família”, com sobreposições:

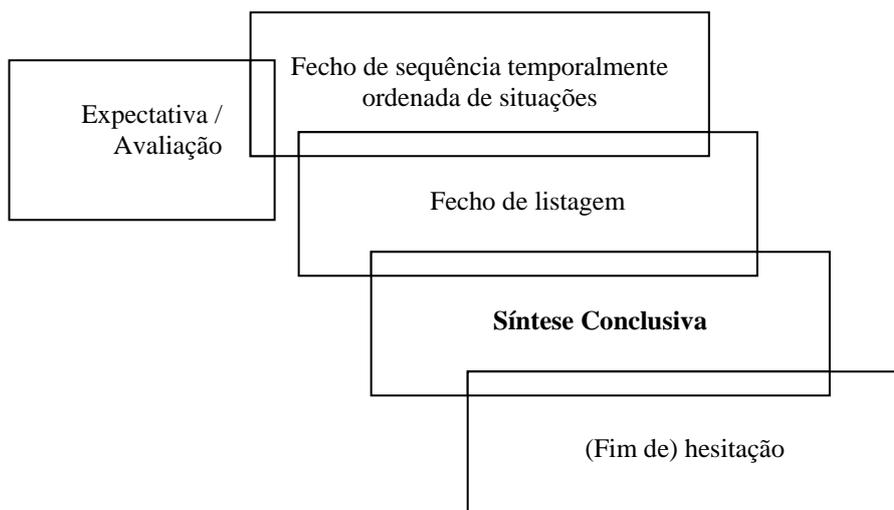


Figura 1

O valor de *enfim* que claramente se manifesta como mais saliente, em sincronia, tendo em conta as ocorrências atestadas no *corpus*, é o valor de síntese conclusiva. Assumimos a frequência como critério pertinente para a identificação do grau de representatividade, logo, do valor prototípico.<sup>18</sup>

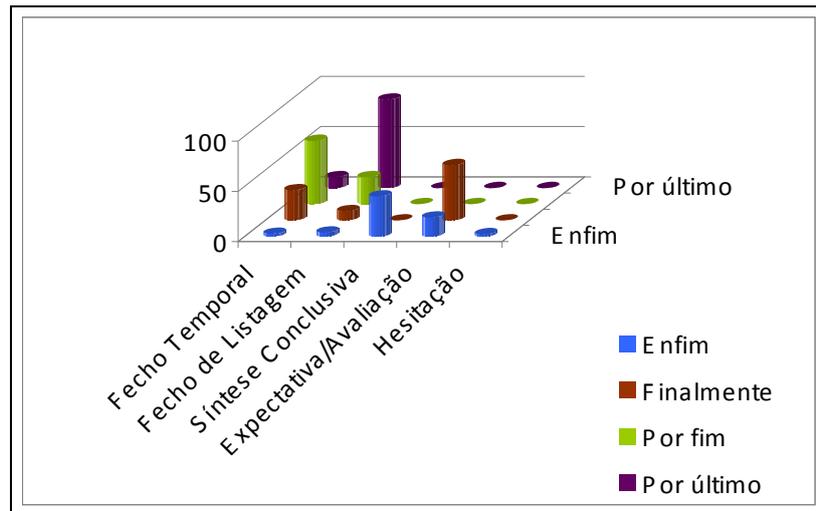
Os nossos dados parecem apontar para tendências gerais e translinguísticas de mudança semântica identificadas por Traugott & König (1991) e Traugott & Dasher (2002), a saber: (i) subjectivização do significado; (ii) direccionalidade da mudança semântica, que envolve uma transição do domínio proposicional para o domínio (meta)discursivo (instruções sobre a estruturação material do texto/discurso) e epistémico (avaliação do falante). Uma análise diacrónica permitiria coadjuvar a hipótese da direccionalidade da mudança.

Os quadros com que encerramos este trabalho apresentam respectivamente, o agrupamento dos diversos conectores discursivos analisados ao longo do trabalho em função dos valores que podem assumir no PE contemporâneo (quadro I) e as percentagens de ocorrência, no *corpus*, dos conectores analisados (quadro II).

<sup>18</sup> Os dados obtidos resultam da análise de um *corpus* escrito. Importa cotejá-los com uma futura análise de um *corpus* oral.

Fecho (de sequência ou listagem)	Síntese conclusiva	Expectativa/avaliação	(Fim de) hesitação
Finalmente	=	Finalmente	=
Por fim	=	=	=
Por último	=	=	=
Enfim	Enfim	Enfim	Enfim

Quadro I



Quadro II

## Referências

- Anscombre, C. & O. Ducrot 1977. Deux *mais* en français?. *Lingua* 43, pp. 23-40.
- González Fernández, M. J. & R. Maldonado Soto (2004). Marcadores discursivos, aspecto y subjectividad. In A. S. Silva *et al.* (orgs). *Linguagem, cultura e cognição. Estudos de Linguística Cognitiva* Vol. II. Coimbra: Almedina, pp. 411-432.
- Hansen, Maj-Britt Mosegaard 2005. From prepositional phrase to hesitation mark. The semantic and pragmatic evolution of French *enfin*. *Journal of Historical Pragmatics* 6:1, pp. 37-68.
- Lopes, Ana Cristina Macário 2003. Elementos para uma análise semântica das construções com *já*. In I. Castro & I. Duarte (orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus* Vol. 1. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda, pp. 411-428.

- Machado, Maria Paula 2002. Finalmente será enfim? Contributos para uma análise contrastiva português/francês. *Encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: CLUP, pp. 147-158.
- Traugott, Elizabeth C. & E. König 1991. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In E. Traugott e B. Heine (eds.). *Approaches to Grammaticalization* Vol. I. Amsterdam: John Benjamins, pp. 189-218.
- Traugott, Elizabeth C. & Richard Dasher 2002. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Traugott, Elizabeth C. 1995. Subjectivation in grammaticalisation. In D. Stein & S. Wright (eds.) *Subjectivity and subjectivisation. Linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vet, Co. 1980. *Temps, aspect et adverbes de temps en français contemporain*. Genève: Droz.